

Officina de composição e impressão de MANUEL BAPTISTA TORRES R. DE S. MARTINHO Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR Manuel Baptista Torres Redacção e administração R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 416 AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

A QUESTÃO ACADEMICA

Pois se, nem os estudantes republicanos, diziamos, dão o menor signal d'uma rebeldia honesta, como queriam que a grande massa dos estudantes, sem convicções politicas, sem convicções nenhuma, indifferentes, frios, incultos, tivessem coragem, caracter, força, para se revoltar contra os paes, contra os amigos, contra os mestre, contra tudo?

Nem os estudantes republicanos! Abundam as provas da incoherencia, da versatilidade, da inhabilidade, enfim: da insufficiencia moral e intellectual dos dirigentes republicanos. Esses homens praticam a toda a hora actos oppostos aos principios democraticos e aos interesses nacionais. Alem de desmoralisarem, umas vezes pelo desmentido formal que os seus actos dão ás suas palavras, outras vezes pelo desmentido formal que as suas proprias palavras oppõem ás doutrinas que apregoam, atrazam constantemente o advento da republica por incuria, por desleixo, por imprevidencia, por repetidos erros de processo. Critica-los, censura-los, combate-los, é, di-lo-hemos sempre, não só um dever moral, não só uma necessidade intellectual, como uma alta conveniencia partidaria. A critica, n'essas condições, é sempre benéfica, porque, podendo evitar a repetição dos factos condemnaveis, vai, ao mesmo tempo, formando uma nova corrente d'idéas, educando a consciencia publica. Tem sempre um ou outro d'esses effectos. Sempre! Mas quando, supponhamos, não o tivesse, tinha, ao menos, a vantagem de deixar patente ao futuro que, no meio de toda a degradação moral e intellectual d'um periodo desgraçado, ainda havia intelligencias, e consciencias, que se elevassem acima da demoralisação e da mediocridade geral.

O partido republicano enferma de todos os vícios, de todos! que tem apodrecido a monarchia. Adopta todos os processos que combatem a monarchia. Repete todos os erros que censura a monarchia. Pratica todas as immoralidades que fubina na monarchia. Assim, censurando nos partidos monarchicos a abdicacão dos seus membros mais honestos; uma disciplina levada até á subserviencia indigna, exige a mesma abdicacão, a mesma subserviencia nos partidarios republicanos. Os partidarios monarchicos não admittem uma unica voz de discordancia, uma unica voz de critica. Todos os partidarios se não de calar deante dos actos praticados pelos chefes. Todos não de defender e applaudir as resoluções publicas d'esses chefes. Aquelle que não fizer fica condemnado ás feras, é excluido do partido. Por este processo se converteram os partidos monarchicos em verdadeiras quadrilhas. Foi o grande mal da nossa politica. Mal e processo que os republicanos cem vezes tem posto em evidencia.

Mas, ahi como em tudo, os republicanos nunca passaram da noção, ou inconsciente, ou incompleta, do erro e da immoralidade dos monarchicos. Os republicanos repetiram a velha deficiencia intellectual

e moral, que parece ser apanagio d'esta raça, de cada um vêr as coisas unicamente pelo seu prisma. E' certo que o adagio: todos veem o argueiro no olho alheio e ninguém vê a tranca no seu olho é commum a todos os povos. Mas em toda a parte as camadas d'élite, ao menos, se elevaram acima d'essa fraqueza instinctiva. E assim se vê na Inglaterra, na França, na Alemanha, e n'outros paizes, homens do mesmo partido discutirem entre si, seriamente, vivamente muitas vezes, na imprensa, nos congressos, em todos os meios adequados á discussão, processos e idéas por pontos de vista differentes. Discordando. Não raro censurando-se. Sem ninguem deitar as mãos á cabeça horrorizado pela grave dissidencia, por tamanho acto de desordem ou de indisciplina.

Em Portugal, não. Foi a completa abdicacão, foi a subserviencia indigna, a errada comprehensão da disciplina que inutilisaram os partidos monarchicos no constitucionalismo. Não comprehendiram esses partidos que, dentro do regimen liberal, a disciplina não era, não podia ser, a disciplina herdada do absolutismo. A disciplina fradesca, a disciplina jesuítica. A disciplina passiva, que exige como condição o desaparecimento da individualidade, a mudez da consciencia e da lingua, em vez da disciplina activa, fundada no accordo da razão. E converteram-se em perigosissimas quadrilhas.

O partido republicano viu o argueiro no olho alheio. Mas não viu a tranca no seu olho. Fulminou a triste e abjecta abdicacão dos adversarios, mas impoz aos seus a mesma abdicacão. Não soube, n'isso como em coisa nenhuma, vencer o vicio innato, o vicio inquisitorial, que ha mais de tres seculos se inculcou no sangue portuguez, e, como os partidos monarchicos, tornou-se uma quadrilha.

Bem sabemos que não agradam estas palavras aos fanaticos, áquelles que, zombando todos os dias, pela bocca do sr. Brito Camacho e outros, dos jacobinos, são o verdadeiro sangue pôdre do jacobinismo. Porque o jacobinismo que repugna não está na paixão pura, mas na paixão prostituida. Bem sabemos. Contudo, se os proprios fanaticos quizerem, por um instante, reflectir, elles mesmos não de achar grande verdade n'isto que dizemos.

A nobreza da conducta, a pureza da idéa, a alta conveniencia da patria e a propria conveniencia partidaria não estavam em andar a exaltar, a propositos e a desproposito, o sr. Affonso Costa, e a divinizar, a proposito e a desproposito, o sr. Bernardino Machado. Não estavam em exaltar systematicamente fosse quem fosse. A democracia deve ser justa. E a justiça é serena e parca no castigo e no louvor.

Era proprio louvar. Digno e justo. Mas louvar em nome dos principios, por amor dos principios, no interesse dos principios, e não em nome das affeições pessoais, por amor das facções e no interesse das facções e dos individuos. Mas, por isso mesmo que era proprio, justo e digno louvar em nome dos principios, só em nome dos principios e por amor dos principios, por conseguinte com a serieidade inherente á dignidade dos principios, e não com a charlatanice revoltante, os exaggeros affrontos

sem deixarem de ser ridiculos, com que, movidos pelos simples interesses e rivalidades ignobes de facção, os partidarios se exaltavam uns aos outros dentro do partido republicano, mas, repetimos, por isso mesmo que era proprio, justo e digno o louvor em nome dos principios, por isso mesmo era proprio, justo e digno criticar, censurar, verberar, tambem em nome dos principios, aquelles que affrontassem, deshonrassem, ou, por qualquer forma, compromettessem ou prejudicassem esses principios.

Isto é que era democratico. Isto é que era honrado. E habil, juntamente. Porque julgar, como julgaram e julgam os partidarios republicanos, que, a encobrir mázellas e a exaltar leprosos, que, a poupar erros e a divinizar palermas, se abria caminho, era, e é, não falando na tremenda immoralidade do facto, dar provas de completa inhabilidade, de formal estupidez.

A que resultados conduziu essa habilidade? Que fructos deu essa sabedoria? Todos os vêem. Mas esperem, que ainda não de ver melhor com o tempo.

Essa abdicacão vergonhosa dos partidarios republicanos, a que nenhum d'elles se tem sabido subtrahir, essa subserviencia indigna, e a falta de consciencia e de intelligencia, porque, manifestamente, a par de falta de consciencia ha n'isso uma grande falta de intelligencia, d'essa intelligencia lucida, e de vasto alcance e, que parece ter desertado d'esta terra, é o estyga incólevel que nos fica assignalando n'este abominavel periodo historico e aquillo de que mais se lão de admirar, e de que mais hão de pasmar, as gerações futuras. Porque isto é unico. Unico! Conhecemos um pouco a historia. Não encontramos em povo nenhum, e em epocha nenhuma, já o temos dicto, uma mediocridade tamanha, uma baixaza tão baixa, tão accentuada, tão profunda.

Ninguem no partido republicano, no partido da reforma, da regeneração, da revolução, escapou a esse estyga. Ninguem! Nem os estudantes, nem os rapazes, nem a mocidade esperanzosa!

Mas agora reparamos que tendo-nos alongado em considerações, fora do assumpto principal, só no proximo domingo poderemos terminar.

O METHODO JOAO DE DEUS

ESCOLAS MOVEIS

Disse n'um dos artigos aqui publicados que a necessidade do ensino ambulante era inadiavel, sendo portanto de absoluta utilidade a instituicão das Escolas Moveis—por isso que as condições do thesouro publico, conhecido o despesa dos dirigentes pela instrucção popular, não permittem o gasto immediato de 25 mil contos applicados a construcções e mobiliario escolares, augmento de professores e respectiva dotação orçamental. Não houve exaggero no calculo feito; antes pelo contrario—como vae ver-se.

No boletim da direcção geral de instrucção publica, que acaba de ser distribuido, encontra-se o relatório e estatística geral da 2.ª circumscripção escolar de Coimbra relativo ao anno de 1903-1904—coordenado pelo inspector, sr. dr. Alves dos Santos. O que se lê n'este documento official—confirma—plenamente—o que sobre o assumpto aqui tenho asseverado.

CAPITULO I

..... A Circumscripção comprehende seis districtos administrati-

vos, 96 concelhos e 17 circulos escolares. A sua area é de 27:148,15 kilometres quadrados, com uma população geral de 1.758:367 habitantes. A população escolar attinge o numero de 223:822 creanças (dos 6 aos 12 annos de idade), sendo 108:631 do sexo masculino, e 115:191 do sexo feminino.

Das 1875 escolas officiaes que existem em toda a circumscripção (1:174 para o sexo masculino, 579 para o feminino, e 122 mixtas), 738 acham-se instaladas em edificios proprios, e 1:137 em edificios arrendados. Entre os edificios proprios, 49 são de modelo Conde de Ferreira; 30 dos modelos Adões Bermudes; e 641 de outros modelos. Dos edificios do Conde de Ferreira, 38 encontram-se em boas condições hygienicas e pedagogicas; 6 em soffríveis condições; 4 em más, e 1 em pessimas condições. Dos edificios Adões Bermudes, 29 pelo que respeita ás salas escolares, pôdem reputar-se em boas condições, e 1 em soffríveis condições. Quanto aos restantes modelos, 163 edificios satisfazem plenamente; 247 estão em soffríveis condições; 186 em más; e 45 em pessimas condições. Dos edificios arrendados, apenas 57 reúnem os requisitos indispensaveis. A esta categoria pertencem 367 que se encontram em soffríveis condições; 573 em más, e 140 em pessimas condições. Portanto, de todas as escolas da Circumscripção, apenas se encontram regularmente instaladas 908, isto é, menos de metade das existentes, havendo, entre as restantes, 186 em pessimas condições. Em relação ao mobiliario e material de ensino, o numero de escolas que se acham bem dotadas e providas não passa de 127. Todas as outras (1:748) não possuem mobiliario, ou, se o possuem, é incompleto, antiquado, ou em pessimas condições. O ensino livre é ministrado em 206 escolas, sendo 94 do sexo masculino, 65 para o sexo feminino e 47 para ambos os sexos. De todas estas escolas, só uma se acha installada em edificio proprio; todas as outras occupam edificios communs. São as seguintes as condições em que se encontram: 35 em boas; 79 em soffríveis; 81 em más; e 11 em pessimas condições. Mobiliario completo e em boas condições hygienicas e pedagogicas, apenas existe em 9 d'estas escolas.

As percentagens e relações numericas, que se deduzem dos elementos d'este capitulo, são as seguintes:

- 1) Creanças recenseadas, em relação á população geral, 12,7 por cento;
2) Escolas em relação á area da Circumscripção, 1 por cada 14,47 kilometros quadrados;
3) Escolas, em relação á população geral, 1 por grupo de 937 habitantes;
4) Escolas, em relação á população escolar, 1 por cada grupo de 119 creanças de ambos os sexos;
Finalmente, escolas em boas condições, em relação á totalidade, 48 por cento.

Nos graphicos d'esta estatística propõe-se a creação de 1:000 escolas, approximadamente, como sendo de absoluta necessidade para satisfazer as necessidades do ensino; a verdade, porém, é que, para termos uma rede completa de escolas, precisamos de fundar cerca de 3:000, applicando o criterio pedagogico, que exige uma escola de cada sexo, por cada 12 kilometros quadrados; por cada grupo de 500 habitantes; e por cada grupo de 100 creanças em idade escolar. Para fundar estas 3:000 escolas e melhorar as existentes, careceria o Estado de gastar, em 10 annos, 2:000 contos de réis, em cada anno, approximadamente. O calculo é assim feito: 153000:000\$000 réis para 3:000 escolas novas, mais 500:000\$000 para o respectivo mobiliario, mais 4.835:000\$000 para 967 escolas mal installadas e mais réis 175:000\$000 para mobiliario d'estas.

CAPITULO II

Existem, actualmente, na Circumscripção 1:958 professores primarios, sendo 1:048 do sexo masculino, e 910 do sexo feminino. Dos professores do sexo masculino, 506 pertencem á 1.ª classe; 173 á 2.ª; 307 á 3.ª; 38 são ajudantes e 24 interinos. As professoras são 301 de 1.ª classe; 194 de 2.ª; 356 de 3.ª; 26 ajudantes e 33 interinas. Regem escolas do sexo masculino 158 professoras; e devem ser aposentados 144 professores de ambos os sexos: 102 por incapacidade physica; 13 por incapacidade profissional; 3 por incapacidade moral; 16 por incapacidade physica e profissional; 6 por incapacidade physica e moral; 3 por incapacidade profissional e moral e 1 por doença mental. Acham-se inscriptos, como professores de ensino livre, 492 individuos, mas

d'estes apenas 339 exercem o magisterio em collegios, ou cursos particulares.

Effectuaram-se, em todas as escolas da Circumscripção, durante o anno lectivo, 104:262 matriculas, sendo 98:196 nas escolas officiaes, e 6126 nas escolas livres. Das creanças matriculadas nas escolas officiaes, 65:692 pertencem ao sexo masculino e 32:444 ao sexo feminino. No ensino livre, 3:215 creanças são do sexo masculino e 2:911 do sexo feminino. Saíram, durante o anno, das escolas officiaes 14:392 alumnos, sendo 9:981 do sexo masculino e 4:411 do sexo feminino. N'este numero acham-se comprehendidos os alumnos que fizeram o exame do 1.º grau.

Nas escolas officiaes verificaram-se as seguintes passagens de classe: da 1.ª para a 2.ª, 11:796 (8:439 do sexo masculino; 3:357 do sexo feminino); da 2.ª para a 3.ª, 8:427 (6:097 do sexo masculino; 2:330 do sexo feminino); da 3.ª para a 4.ª, 4:393 (3:276 do sexo masculino; 1:117 do sexo feminino). Total 24:616.

Foram propostos para o exame do 1.º grau, nas escolas officiaes, 5:184 alumnos; (3:909 do sexo masculino; 1:275 do sexo feminino), sendo approvados 4677 (3:541 do sexo masculino; 1:136 do sexo feminino). Requereram, nas mesmas escolas, o exame do 2.º grau 1:060 alumnos (869 do sexo masculino; 191 do sexo feminino), ficando approvados 930 (750 do sexo masculino; 180 do sexo feminino). O ensino particular e domestico propoz para o exame do 1.º grau 4:006 creanças (637 do sexo masculino; 339 do sexo feminino), obtendo 895 approvações (557 em alumnos do sexo masculino; 339 do sexo feminino). Fóra das escolas officiaes requereram o exame do 2.º grau 429 alumnos (323 do sexo masculino; 106 do sexo feminino), ficando approvados 385 (285 do sexo masculino; 100 do sexo feminino).

São as seguintes as relações numericas geraes d'este capitulo:

- 1) Numero de professoras officiaes em relação á população geral 1 por 898 habitantes;
2) Numero de professoras officiaes em relação á população escolar, 1 por 114 creanças;
3) Numero d'alumnos matriculados em todas as escolas (officiaes e particulares), em relação á população escolar, 46,5 por cento;
4) Numero de alumnos das escolas officiaes, propostos para exames do 1.º grau, em relação ás matriculas, 5,2 por cento;
5) Numero de alumnos d'estas escolas, approvados no exame do 1.º grau, em relação aos propostos, 90,2 por cento;
6) Numero de alumnos de ensino particular, propostos para o exame do 1.º grau, em relação ás matriculas, 16,4 por cento;
7) Numero de alumnos d'este ensino, approvados no exame do 1.º grau, em relação aos propostos, 89 por cento;
8) Alumnos das escolas officiaes, que requereram o exame do 2.º grau, em relação ás matriculas um por cento;
9) Alumnos das mesmas escolas, approvados n'este exame, em relação ás admissões, 87,6 por cento;
10) Alumnos de ensino particular, que requereram o exame do 2.º grau, em relação ás matriculas, 7 por cento;
11) Alumnos d'este ensino, approvados no exame do 2.º grau, em relação ás admissões, 89,7 por cento;
12) Passagem de classe nas escolas officiaes, em relação ás matriculas, 25 por cento.

Se ha carencia de escolas, mais sensivel ainda se torna a insufficiencia de professores, pela necessidade que ha de diffundir as escolas centras por todo o reino, e de applicar o criterio pedagogico, que não permite a cada professor a regencia de classes, com mais de 40 alumnos.

Precisa-se, portanto, de augmentar o quadro do pessoal docente, de conformidade com as exigencias sempre crescentes do ensino. Quanto á frequencia das escolas, apesar dos porfiados esforços da Inspeccão, ainda deixam de receber ensino official ou particular, cerca de 119:500 creanças, ou sejam 53,5 por cento da população escolar.

Note-se, porém, que, na epocha a que respeita o censo da população, ultimamente publicado, isto é, em 31 de dezembro de 1900, havia em Portugal, segundo o mesmo censo, uma percentagem de 80 por cento de analfabetos. Ora, se attendermos a que, além dos 46,5 por cento de creanças em idade escolar, que recebem ensino, existem na circumscripção 13 cursos nocturnos officiaes, e ainda outros particulares, regularmente frequentados, devemos re-

conhecer que, ou era exaggerada aquella percentagem de analfabetos em 1900, pelo menos na parte relativa a esta circumscripção, ou consideravelmente se tem progredido, n'estes ultimos trez annos.

Foi longa a transcripção; mas quem tiver algum interesse pelo assumpto versado não dará como perdido o tempo empregado na leitura dos esclarecimentos, valiosissimos, que ahi ficam.

Era um dever de lealdade transcrever a parte optimista do relatório que considera exaggerada a percentagem de 80 % d'analfabetos, do censo de 1900. Quem tiver lido o que foi publicado n'este jornal—recordará, citando apenas um exemplo, que entre os emigrantes de 1906, e em face dos passaportes, essa percentagem attingia, n'alguns districtos, 94 por cento.

Considerando o illustrado ex-Inspector, dr. Alves dos Santos, a população da 2.ª circumscripção como sendo e naturalmente é, a mais instruída de todo o paiz, assim mesmo reclama que sejam fundadas n'aquella area 3:000 escolas, alem das existentes, custeando-as o Estado com 20 mil contos.

D'este modo, quando appelei para o auxilio da iniciativa particular em favor das Escolas Maveis, por isso que o thesouro publico não se achava em condições de gastar 25 mil contos com a fundação de novas escolas—em todo o paiz, não fui exaggerado nos meus calculos.

E n'outra occasião voltarei a occupar-me do valioso relatório da Inspeção Escolar de Coimbra.

CASIMIRO FREIRE.

Cartas de Lisboa

26 DE JULHO.

Estamos, enfim, chegados á grande apothose de *el gran Bernardino Machado*. N'estas vergonhas consomem os republicanos todo o seu esforço. Até o celebre França Borges já tem marcha. No almoço, realiado ha dias em honra do cavalheiro, a musica tocou a *Marsehesa*, a *Portuguesa* e a... marcha França Borges!

Todos na immortalidade!

E já que falo na immortalidade deixem-me dizer que se realisou a minha prophesia quanto ao sr. João Chagas. Quando o sr. João Chagas, ao encontrar, na Avenida Ressano Garcia, o sr. Ressano Garcia, sentia a impressão de que encontrava um morto, pois que o sr. João Chagas entende que pôr o nome d'um cidadão a uma rua é uma das formas da immortalidade, e que só depois da morte do cidadão é permitido lavar-lhe diploma d'immortalidade, quando o sr. João Chagas, o morto sr. João Chagas, que tem ou teve, ao que me garantem, uma rua com o seu nome na cidade de Loanda—sempre os mesmos, estes revolucionarios, estes reformadores da minha patria—quando o sr. João Chagas escarnecia por essa forma o sr. Ressano Garcia, escarnecendo-se a si proprio, aliás com muitissima razão, escrevia eu aqui: «Pois o sr. João Chagas, que zomba, e muito bem, da immortalidade do sr. Ressano Garcia, não só não zomba da immortalidade do sr. Bernardino Machado como ha de ser um dos manifestantes do 28 de julho e como ha de escrever uma chronica em honra da famosa *procição das medalhas*.»

Se bem o dissemos, melhor aconteceu. Leio em algumas gazetas que quem escreve a mensagem, que ha de ser entregue no domingo a *el gran Bernardino*, é o sr. João Chagas.

O morto João Chagas. Deve ter sabor, uma mensagem escripta do outro mundo!

Ahi tem. Elle escreve a mensagem. Ora escrever a mensagem ainda é mais do que escrever a chronica. Mas, provavelmente,—é quasi certo—escreve a mensagem e a chronica.

O morto João Chagas!

Palavra de honra que acho graça á idéa de João Chagas. Elle não é homem de grandes idéas. Nem de grandes idéas, nem de muitas idéas. Mas esta d'elle considerar mortos os *immortaes* é boa. E' mesmo muito boa.

De maneira que a festa de domingo não passa, afinal, d'uma commemoração funebre. Não se festeja Bernardino Machado de carne e osso. Festeja-se Bernardino

Machado figura de cera. Figura perfeita, é verdade. Mas de cera. Não admira a perfeição. Toda a gente que tem ido a Paris conhece a exposição de figuras de cera do museu Grévin. Tão perfeitas, tão perfeitas, que parecem mesmo creaturas vivas. Tal qual Bernardino Machado. Eu já desconfiava que o homem era de cera. Pois é de cera. Cera animada por qualquer processo. Todos os dias estamos vendo coisas espantosas, que parecem coisas do diabo. Gente que vê com os olhos fechados, que advinha o pensamento, que está encerrada n'uma sepultura uns poucos de dias *sem morrer*, que passa dias sem comer, etc. Coisas do diabo. Coisas phantasticas. Pois a figura de cera Bernardino Machado, essa figura animada que por ahi se vê, é mais uma d'essas coisas phantasticas.

E agora se percebe em Bernardino o que até aqui nunca se percebera. Porque amigos e inimigos lhe notavam um não sei que inexprimível. Não era bem um homem como os outros. Tinha manias que não se casavam com o modo de ver da outra gente. Está explicado. E' que Bernardino anda n'este mundo sem ser d'este mundo. Bernardino é do outro mundo.

Está explicado. E pela mesma forma se explicam todas as nephelibaticas, todas as singularidades de quasi todos os chefes republicanos. São do outro mundo!

Palavra de honra, é admiravel a idéa de João Chagas.

Não ha chefe republicano que não gose a forma de immortalidade de João Chagas escarneceu em Ressano Garcia. Os que não tem o nome na esquina d'uma rua, teem-no na taboleta d'um club. As suas figuras andam estampadas em sabonetes e em bolachas. Até no fundo dos chapéus de coco. Gosam todas, todas as formas da immortalidade. Isto é, são, no dizer do sr. João Chagas, homens do outro mundo. Homens que morreram. Que dão os seus passeios pela antiga patria, mas pertencendo ao outro mundo. Portanto, com todas as idéas e processos do outro mundo.

Até que enfim! Percebem-se! E muito bem! Agora percebe-se tudo.

Podem fazer quantas procições de medalhas lhes vierem á cabeça. Quantas glorificações lhes aprouver. São festas de mortos! São commemorações funebres!

Pode o sr. Guerra Junqueiro clamar que d'aqui a dois annos ou não existirão Braganças ou não existirá Portugal. Pode repetir o dicto Bernardino Machado. Podem ambos advogar a criação d'uma nova religião, a religião republicana de Portugal, com uma liturgia e hierarchia semelhantes ás de Roma. Tudo se percebe. São coisas d'elles, dos immortaes, dos mortos. Coisas do outro mundo!

Tudo se percebe. Percebe-se por conseguinte, tambem, o abandono profundo, completo, d'este povo, sem um grito de indignação, sem um olhar misericordioso de ninguém. Não ha dia em que por esse paiz fóra se não commetta um horroroso assassinato. Raro é o dia em que n'esta cidade de Lisboa não fica uma creatura debaixo d'um automovel ou debaixo d'um electrico. Tudo isso succede no meio da indifferença geral. Ninguém ousa baixar os olhos sobre essas insignificancias, que n'outros paizes seriam motivo para largo estudo e para sério protesto. Ninguém faz caso!

Este pobre povo vegeta na mais profunda ignorancia. E' envenenado a toda a hora pela agua que bebe e por tudo quanto come. O pão é caro e é pessimo. E é pessimo! A agua é cara e ainda cheia dos peores microbios. As casas são caras e infectas. A canalisação é horrorosa. Outra origem, e que origem! d'infeção. Outra causa de morte.

Não morre de typhos, o desgraçado? Não morre de qualquer d'essas variadas e terriveis doenças infectiosas? Não morre tysico,

arrastado até ahi pela miseria? Pois morrerá debaixo d'um automovel ou debaixo d'um electrico.

Arreda! Arreda!

E já se não deve gritar arreda sómente á passagem d'uma alteza monarchica ou d'uma alteza republicana. E' á passagem de tudo e de todos. Negam-lhe a agua, negam-lhe o pão, que é negar encarcerar. Negam-lhe o ar que respira, que é negar-lhe o deixando-lhe como unica guarida, n'uma cidade onde as edificações luxuosas teem crescido d'uma forma espantosa, a triste toca dos velhos bairros immundos. E negam-lhe tambem o chão que pisa. O desgraçado já não tem onde pôr os pés.

Arreda! Arreda! E' um automovel que passa, a toda a machina. E' um electrico que desfila, a toda a força. Foges d'um electrico descendente? Ah, desgraçado, que te esmaga o electrico ascendente! Escapas aos dois por um prodigio de gymnastica, ou por um esforço da sorte? Não escaparás do automovel, que surge, como um raio, do outro lado.

Encosta-te á parede, desgraçado! Ha ruas onde o electrico passa rente a passeios que teem menos de meio metro de largura. N'uma velocidade louca! Encosta-te á parede, cose-te bem com o muro, desgraçado! Olha que estás morto, se essa mesma velocidade do electrico te produz uma pequena vertigem, ou se, por não te cozeres bem á parede, te roça o monstro n'uma perna. Diminue, encolhe-te, vê se te mettes pelo muro dentro! Os ricos desprezam os peões, os ricos desprezam a pobreza. Os ricos querem andar depressa. Não porque tenham necessidade de andar depressa. Simplesmente, porque é *chic* andar depressa. Cuidado! Não embarquem o bom tom! Ou ficarás sem vida.

Cuidado, mães! Cuidado em toda a parte, mas sobretudo n'essas ruas onde o estribo do electrico quasi roça as portas das ruas. Deveria, ao menos ahi, ter o monstro alguma compaixão. Deveria, ao menos ahi, haver ordem para avançar o monstro lentamente. A creança é imprevidente. A creança estonteia com o brinquedo. Sahe a porta, cega, descuidada, e se o monstro não tiver a previdencia que a creança não pôde ter, a pobresinha, com o perigo, o abysmo, a morte a dois passos do berço, pois a linha mal dista um passo da porta do seu misero albergue, a pobresinha será colhida, despedaçada, esmagada.

Cuidado, mães. Cuidado? Ah, irrisão! Cuidado! Cuidado! Como é facil recommendar cuidado! A mãe pobre não pôde ter cuidado. Cuidado, como? Se guarda os filhos, como ha de prover ao governo da casa?

Só esse martyrio! Mais ou menos o martyrio de todos os paes, de todas as mães desveladas em Lisboa. Não sae uma creança para a rua, que não trema o coração de quem a vê sahir. Cuidado! Cuidado! Gritam os paes, os avós, os tíos, os amigos. Cuidado com os automoveis! Cuidado com os electricos! E diz-se isto com verdadeira afflicção. O monstro do automovel! O monstro do electrico! Como mette medo esse espectro!

Mais ou menos o martyrio de todos os paes em Lisboa. Imagine-se o que irá no coração da triste que mora na loja, junto da qual passa rente, a correr, a fugir, como um raio, o monstro a toda a hora. Imagine-se! Ou ha de olhar para o arranjo da casa, ou ha de olhar para o filho. Ou ha de correr o perigo do filho lhe morrer de fome, ou ha de correr o perigo do filho lhe ficar debaixo do electrico. Que doloroso aneio! Que tortura moral!

Mas... quem passa? *El gran Bernardino* para a sua apothose, ou el-rei que vae para a caça.

Os ricos querem correr, os ricos querem gozar.

Arreda! Arreda! Não se arredaram? Morreram. Quem tem a culpa? Não se gritou que se arredassem? Quem tem culpa é quem

não se arredou. Quem tem culpa é quem morreu.

Poderiam os jornaes abrir campanha a favor dos miseraveis. Protestar contra tanta expolição, contra tanto abuso. Estudar as condições phisicas, intellectnaes e moraes dos infelizes. Para quê? Isso não dá dinheiro. Pelo contrario, o que dá dinheiro é a tragedia. Haja tragedias!

O meu reino não é d'este mundo, dizia Jesus. Quereis cear? Haves de cear no céu.

Quereis a felicidade, portugueses? Creae fé na nova religião, na religião de Guerra Junqueiro, de Bernardino Machado e... dos outros. Tambem elles—dize-o João Chagas—não são d'este mundo. Como Jesus! A felicidade que elles promettem... está no céu! Como a felicidade de Jesus.

Orae, divinisaes os deuses, protrae-vos por terra á sua passagem. E, entretanto, esperae. Ha de chegar o dia da redempção.

Ide festejar, ide o novo representante de Deus na terra, o nosso redemptor. Ide, ide, tomar parte na santa procissão das medallhas. Tendes sede e tendes fome? Tendes ancia de gozos? Confiae em Deus e confiae nos seus prophetas.

Sereis saciados quando vier a Republica, esse reino do outro mundo, essa nova edição do reino de Jesus. Esse reino do outro mundo, que com este não se importam os vossos redemptores.

Protrae-vos. Orae. Esperae. E confiae.

C.

JULGAMENTO

Teve logar no dia 23 do corrente em tribunal collectivo o julgamento do sr. Antonio Maria Marques Villar, director do semanario *Os Successos*.

Foi seu defensor o talentoso advogado, sr. dr. Alexandre Correia Telles d'Albuquerque, de Estarreja, que pronunciou uma defesa brilhantissima e cheia de verdades.

Os juizes deram como provada a accusação, condemnando o sr. Marques Villar em 50:000 reis de multa, sellos e custas do processo.

O sr. Marques Villar appellou da sentença.

LIVROS

ANALYSANDO

MANUEL D'ARRIAGA

HARMONIAS SOCIAES

O problema humano e a futura organização social (no debate da sua phase definitiva).

A PAZ DOS POVOS

Edição da livraria Editora França Amado, Coimbra, 1907.

O nome do auctor das *Harmonias Sociaes* é conhecido de todos os que se interessam por vastos e complexos assumptos em que se emmarinha a vida da sociedade portugueza—jurisconsulto conhecedor dos artificios da criminologia. Orador fluente com laivos de romantismo. Poeta apreciado como bom parnasiano. Jornalista eloquente em artigos orientados. Escripitor mui lido em livros vendaveis. Republicano com um pé no Federalismo e outro em theorias que a sua intelligencia antevê e o atavismo occulta em mysticos rumorêjos.

O dr. Manuel d'Arriaga é edoso, mas os seus cabellos brancos, valem, por vezes, as fartas cabelleiras pretas de rapazes da minha geração.

A experiencia da vida e o manusear dos livros abriram-lhe os olhos e deitou-se a observar como as sociedades vivem e as luctas que travam para seu sustento. Espirito bondoso não se limita a denunciar porque se vive mal e onde está o mal. Vae mais longe. Nas *Harmonias Sociaes* leva-nos á receptividade d'um novo plano de

organisação social em que se baseia a sociedade futura. E' portanto um livro de grande responsabilidade moral, que urge estudar afim de deduzir do valor e da efficacia da sua doutrina.

E' sempre difficil notificar a apparição d'um livro assim.

O critico ou ha de banalisar o seu advento, dizendo que está muito bem escripto; que o seu auctor sabe d'aquillo a valer; que deve ser lido por clero, nobreza e povo; que deve ser recompensado o editor que o vomitou no mercado, etc, etc—ou então, ha de lê-lo, pensar no que leu e, depois de o analisar desapaixadamente, sem espirito sectarista, notarlhe a elevação do estylo, no passo que bóle nas incoherencias que encontra.

No primeiro caso a critica faz-se com uma perna ás costas e a maioria aplaude porque acha quem enverêde pelo caminho das idéas preconcebidas. No segundo, fia mais fino, o critico sabe d'antemão quaes os monossilabos que se escapam de todas as boccas, começando pela do auctor, a desaproveitar tudo que o analista lança ao papel. Eu estou mettido no número das victimas. Vou notar as incoherencias que são parte dominante do livro do sr. dr. Manuel d'Arriaga, com o desejo de acertar, meu fiel companheiro.

Se as *Harmonias Sociaes* fosse um livro em que se não pretendesse o advento duma nova sociedade, apresentando para o conseguir um plano geral dos seus alicerees, não importaria que ficasse despercebido. Tal não acontece. O auctor creou responsabilidades e tantas que não posso sancionar com o meu silencio uma obra que além de não ter unidade na sua estrutura é falha de conhecimentos sociologicos, o que constitue, quanto a mim, um defeito indesculpavel.

Todos os que se interessam por estudos sociaes e que possuidos de honestos intuitos tiraram conclusões scientistas que transformem por completo o modo de ser da actual sociedade, sabem que não é mudando um manto por uma faxa, nem uma faxa por uma blusa que a humanidade se libertará de todos os seus oppressores.

Hoje, então, mais do que nunca, se chegou ao conhecimento baseado em factos concretos, ser do principio de auctoridade que se alimentam as forças governamentais. E' impondo o respeito ás instituições que as balas fendem os ares e calam boccas revoltadas contra as manigancas estadones. Não é pela discussão que provoca a luz, que o estado impõe os seus desejos. Seja elle qual fór—monarchia, republica ou a social—democracia. Todos vivem da submissão do povo, que é afinal quem menos percebe dessas superstições.

Vir em 1907, proclamar theorias federativas—proudhonianas, quando já o maior de todos os radicaes, Pi y Margall, affirmava com desgosto partidario, que afinal o povo seria o mesmo soffredor, porque estado quer dizer despotismo—deve o sr. dr. Manuel d'Arriaga concordar que a sua defeza chega fóra de tempo. Além disso incluir o nome de Bakomine como proclamando: «a *anarchia scientifica* como a melhor forma de governo» (pag. 95) é uma heresia historica ou má vontade de politico, embora federal.

Pois é bom que saiba. Bakomine tinha tanto odio ao que cheirasse a auctoritarismo, que é d'elle a seguinte proposta apresentada a um congresso da Internacional:

«Abolição do Estado em todas as suas realisações religiosas, jurídicas, politicas e sociaes; reorganisação pela livre iniciativa dos individuos livres nos grupos livres.»

E no brado de revolta dirigido ao povo hespanhol é ainda ella que diz:

«A sociedade actual baseia-se inteiramente sobre uma combinação machavelica que faz concorrer o povo para a sua propria escravidão, sem que o note, e ás vezes mesmo sem que o aproveitam esta exploração conheçam o papel que desempenham na sociedade. Esta combinação, caros amigos, chama-se o Estado, cuja base e fim é a conservação da propriedade hereditaria, isto é, a sujeição das massas populares a uma minoria dominante.»

Como vê, Bakomine não podia de forma alguma dizer que a anarchia scientifica era a melhor forma de go-

verno, porque a anarchia é a inimiga sigadal de tudo o que sopéze os nossos semelhantes.

Ora, erros como este, encontram-se nas *Harmonias Sociais*, o que é triste. Quando um escriptor leva os seus trabalhos a enfileirarem-se na sociologia, que é a base das verdadeiras sciencias, e não parallela com as mais modernas theorias, de duas, uma—ou é um misticificador ou não tem a coragem e independencia necessarias a um sociologo que esteja nas tintas para tudo que seja convencionalismo.

Essa delicadeza que é afinal o fundo da obra do sr. dr. Arriaga, apparece a pag. 282:

«Não quisemos mesmo referir-nos positivamente aos abusos, ás fraudes, e aos crimes que á sombra das indulgencias e da remissão dos peccados, no uso dos privilegios que para si creou... Não quisemos porque pertencemos ao numero d'aquelles que veem na Igreja catholica uma instituição que, á parte o seu lado politico e ganancioso—preparou as almas para um ideal d'amor, que mais tarde ha de fazer a felicidade do genero humano, quando descer do Ceu á Terra; á Terra onde elle foi concebido; á Terra a que por direito proprio pertence e a que está indissoluvelmente vinculado.»

Assim de forma alguma poderia ter unidade um livro em que o auctor não revela o mal d'uma instituição porque (falando da Igreja—pag. 281)... «foi o amparo dos nossos maiores e ainda hoje o é d'algumas almas delicadas a quem nos prendem carinhos affectos...» esquecendo-se do proverbio: amigos, amigos...

Um livro sem unidade é como uma brochura desmantelada ou um discurso interrompido.

E depois o séstro de maiscular todas as idéas, n'uma obsessão, como a metter-se-nos pelos olhos dentro? Quantomenos se personalisarem idéas, melhor. A generalidade é que vae bem, porque é humana. Tudo o que seja parcial denota individualismo. Mas o sr. dr. Manuel d'Arriaga entende assim a ponto de tambem na oração metter-nos constantemente pelos ouvidos os AA e os BB grandes, como se tudo fosse palavras de valor.

Em summa, as *Harmonias Sociais* teem, para mim, o defeito de ser a obra d'um místico que veste idéas novas com palavras bolorentas. Construir um predio com materiaes ratados parece idéa de enancado architecto. E' um livro que se não faz mal; bem tambem não faz. Não orienta; desorienta. E na actual phase scientifica o que se quer é uma obra que diga ao povo como ha de conduzir-se á sua emancipação e delegar em quem não sente as suas necessidades.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Americana, ao Chiado. Tabacaria Duarte, rua de S. Paulo 97. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I, 102-104. Tabacaria Fillismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza d'Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6. Kiosque Elegante, Rocio.

PORTO

Kiosque, rua Sá da Bandeira 41.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

AO PUBLICO

SUCCURSAL DA PADARIA DOS

ARCOS NA COSTA NOVA

MANUEL Barreiros de Macedo, proprietario da acreditada padaria dos Arcos, abriu uma succursal na sua casa na Costa Nova (proximá Notta) onde o publico durante a epoca balnear encontrará a qualquer hora o PÃO DE FINA QUALIDADE e géneros de mercearia, taes como: assueto, chá, café, arroz, massas, vinhos fins, sardinha, e outras bebidas; tudo por preços modicos.

Recomendamos, pois, este estabelecimento, não só pela modicidade de preços, como tambem pelo esmero e acido de todos os generos.

IMPRESSÕES DO EXTRANGEIRO E IMPRESSÕES DE PORTUGAL

XXIV (1)

Nemenda para estudar as reclamações dos moageiros contra o preço das farinhas, o primeiro cuidado da commissão foi, naturalmente, procurar os quatro typos de farinha sobre os quaes incidiam os preços da lei: 92, 90, 84, 82 reis. Não os encontrou!

«A portaria, já citada, que concedeu á commissão a honra de estudar os preços por que podiam ser vendidas as farinhas pelas fabricas de moagem de Lisboa, foi motivada pela reclamação dos proprietarios e gerentes das mesmas fabricas, que allegaram ser-lhes impossivel, sem prejuizo, vender aquelle producto pelos preços fixados no art. 7.º do decreto de 26 de novembro de 1895 e mantidos no decreto de 1 do corrente mez, que autorizou a nova importação do trigo exotico.»

Desde logo a commissão, como era natural, diligenciou inquirir da propria industria moageira sobre as qualidades das farinhas, que ella vendia no mercado, porque, pela ausencia da fiscalisação official, que nunca fôra decretada para as fabricas de moagem, em nenhuma estacão dependente do ministerio das obras publicas havia amostras authenticadas dos typos das farinhas produzidas pelos industriaes de moagem e a que legalmente, desde 1896, correspondiam preços fixos, de que elles se não podiam afastar. Foram infructiferas as diligencias da commissão a este respeito. Apesar de reiterados pedidos, feitos verbalmente e por escripto, aos proprietarios e gerentes das fabricas, não poderam estes remetter, quasi na sua totalidade, as amostras requisitadas, allegando terem já vendido toda a producção anterior á promulgação do decreto de 1 d'abril.»

Por terem vendido toda a producção, não. Essa allegação era estúpida e só é de admirar que a commissão não registasse a estupidéz. Que importava que se tivesse vendido toda a farinha fabricada antes do decreto de 1 de abril? Continuavam ou não continuavam a vigorar quatro preços relativos a quatro qualidades diferentes de farinha? Se continuavam a vigorar, e se as fabricas não estavam paradas, é claro que a farinha produzida depois de dia 1 d'abril era a farinha produzida antes d'esse dia. Portanto, se depois do dia 1 d'abril não existiam os quatro typos de farinha é porque não tinham existido antes.

D modo que estavam n'isto: haviauma lei que fixava quatro typos de farinha, pois que fixava quatro preços diferentes. Mas a mesma lei nunc tinha averiguado se existiam ou não existiam esses quatro typos de farinha, se podiam ou não podiam existir, se convinha ou não convinha que existissem, isto é, se ella, lei, era um certo ou um desacerto, uma conveniencia ou uma inconveniencia, uma realidade correspondendo á realidade dos factos, ou uma phantasia sahida da cabeça de pateta diplomado do Tereiro do Paço.

Não existiam os quatro typos de farinha, é evidente. E pela mais simples das razões: porque era impossivel fazer pão com elles!

«A commissão procurou averiguar a propria industria quaes os diagramas de extracção que correspondiam ás marcas, se estas se adaptavam ás necessidades do mercado, e qual o seu destino habitual. Da resposta, quasi manime, dos industriaes de moagem e de panificação se reconheceu que só as duas primeiras qualidades, as que se vendiam a 92 e 90 reis, se consumiam em Lisboa, não sendo as duas restantes, n.ºs 3 e 4, que se vendiam a 84 e 82 reis, capazes de produzir pão que satisfizesse ás exigencias dos consumidores d'esta cidade.»

(1) Como estes artigos não são revisados pelo auctor, o que geralmente succede a todos os artigos publicados no *Povo de Aveiro*, trazem ás vezes erros de composição fundamentaes. Assim no ultimo artigo sahii: «Augmentava-se escandalosamente o preço do pão? Davam-se aos lavradores privilegios unicos no mundo? Attentava-se indignamente contra a liberdade de commercio? Então só havia um meio de conseguir a boa qualidade e a diminuição de preço da farinha e do trigo.» Ora nós não tinhamos escripto e do trigo, o que seria uma grande asneira. Mas e do pão. Emen-da indispensavel, e, d'ahi, esta rectificação.

Os leitores hão de se convencer, se não estão já convencidos, de que n'esta gravissima questão de pão, base da alimentação publica, os ministros, os deputados, os pares do reino, os do executivo e legislativo demonstraram sempre uma grande ignorancia, e de que nunca tiveram senão este fim exclusivo: satisfazer as exigencias dos grandes lavradores, que o mesmo era satisfazer as exigencias da urna.

Mais nada. Ignorancia e indifferença em que, por desgraça, os republicanos emparelhiam admiravelmente com os monarchicos. Falando a toda a hora na miseria dos proletarios, nos interesses do povo, ignoram tanto ou mais do que os monarchicos as questões de vital interesse para o povo. E se os monarchicos tudo subordinam ao interesse mesquinho de partido, o mesmo fazem, por desgraça, os republicanos. De fórma que razão teem os partidos extremos para chamar que a obra d'emancipação do povo ou ha de ser feita pelo proprio povo ou nunca passará d'uma burla.

Os grandes lavradores eram eleitoralmente os mais poderosos. Para o seu lado, d'olhos vendados, sem quererem saber de mais nada, foram os governos, satisfazendo-lhes todas as exigencias. Como iriam para o lado dos moageiros ou dos padeiros, se moageiros e padeiros pesassem mais na balança eleitoral. Comecem amanhã os grandes lavradores a passar para o campo republicano e nós veremos se os republicanos não fazem a mesma coisa. Se não saltam a pés juntos por cima dos interesses do povo faminto para ligar ao seu partido os grandes ricações. A'manhã, dizemos? Já o fazem hoje! Com grandes lavradores, com padres, com militares, com tudo quanto representa a força, o numero, embora represente tambem a exploração, o privilegio, a iniquidade.

Porem deixemos isso e voltemos ao seguinte da questão.

Queixava-se a commissão, como vimos, da ausencia de fiscalisação official sobre as fabricas de moagem. Mas de que serviu o exercito de fiscaes que se creou depois? De que serviram regulamentos sobre regulamentos? De que, se as farinhas continuavam a ser fabricadas sem os requisitos da lei? De que, se o fabrico do pão continua a ser deploravel?

O mal é d'origem. Enquanto as condições da industria não melhorarem inutil se torna confiar o remedio á fiscalisação.

Segundo a commissão, os industriaes de moagem declararam unanimemente que não podiam obter mais de 72 kilogrammas de farinha de 100 kilogrammas de trigo americano sujo. A commissão entendia que a percentagem podia chegar a 76.

«A commissão, sem prejuizo das experiencias que pretende realizar na manutenção militar ou em alguma fabrica particular, suppõe que a extracção poderá ser elevada, na maioria dos casos, a 73, 74, 75 e 76 por cento, sem inconveniente para as qualidades das duas primeiras marcas, augmentando a percentagem de extracção da terceira, que poderá, em tal caso, ser barateada.»

A percentagem superior a 72 por cento tem por si a lição da experiencia, tanto no paiz como no estrangeiro. As indicações constantes das publicações mais autorisadas na especialidade, as experiencias realisadas em 1895, em França, em tres grandes fabricas de Marselha, pela commissão, a que presidiu o proprio ministro da agricultura, as extracções feitas em trigos molles nacionaes, na manutenção militar, e que atingiram de 75 a 77 por cento, o inquerito official ás fabricas de moagem, no paiz, em 1890, e a inspecção technica ás mesmas em 1893, demonstram que a percentagem total designada pelos industriaes fica abaixo da que é possivel obter-se.»

Fica, com trigos de primeira ordem. Mas como os trigos que veem da America para Portugal não são geralmente os melhores trigos d'America, e como os trigos molles portugueses de boa qualidade não abundam, os moageiros é que tinham razão. Nem as experiencias de Marselha, nem as da Manutenção Militar, podiam constituir uma lição. As experiencias de Marselha eram feitas com trigos excellentes. As de Lisboa eram feitas com trigos escolhidos. E, n'esses casos, a percentagem vae, na verdade, até 75 por cento. Mas d'ahi não sobe senão muito excepcional-

mente, á força de se lhe puxar pelos cabellos, quando commissões, como a de Portugal, querem que as experiencias cheguem a uma certa prova, o que é sempre facil de conseguir. As experiencias, quando não se está de boa fé, provam sempre o que a gente quer que ellas provem. Comtudo, a verdadeira experiencia, a da industria de todos os dias, com a materia prima do mercado e em todas as mais condições em que se exerce essa industria entre nós, dava e dá unicamente a percentagem indicada pelos moageiros. A percentagem regular é de 72 a 73 por cento. D'ahi não passa normalmente. Esta é que é a verdade.

E a commissão bem o sabia, pois que accitou sempre sem reluctancia a base dos 72 por cento.

Ora muito bem. Vejamos agora mais uma vez a seriedade com que nas mais graves coisas procedem sempre os chamados homens publicos em Portugal.

Sobre a base dos 72 por cento estabeleceu a commissão tres typos de farinha correspondentes, a tres typos de pão. Farinha de 1.ª, de 2.ª e de 3.ª qualidade. Pão de 1.ª, (pão de luxo) de 2.ª e de 3.ª qualidade. Seria de 30 por cento a extracção da farinha de 1.ª e de 2.ª qualidade. De 12 por cento a extracção de farinha de 3.ª qualidade. E aqui temos os 72 por cento. Com mais 2 por cento para cabecinha, 23 por cento para sementes, 1 por cento para limpadura e 2 por cento para quebras, notando-se que esta percentagem de quebras é insufficiente dada a impureza e má qualidade do trigo portuguez, obtinha a commissão o producto total dos 100 kilos de trigo.

Entendia a commissão, depois de tudo isso maduramente estudado e resolvido, que deveria ser de 102 reis o preço da farinha de 1.ª qualidade; de 90 reis o da segunda e de 84 reis o da terceira.

Isto era em 23 de abril de 1898.

Em 28 sabia um decreto elevando o preço da farinha a 110, 98 e 90 reis correspondendo, palavras textuaes, respectivamente, a tres typos ou marcas definidos pelas percentagens de extracção de 30, 30 e 12. Palavras textuaes. Era o conselho da commissão posto em pratica, salvo no preço da farinha, que ia muito alem.

Por decreto de 28 de julho do mesmo anno era elevado o preço do trigo. «A venda do trigo nacional será regulada durante o anno cerealifero proximo futuro, que começa no dia 1 d'agosto e termina no dia 31 de julho de 1899, pela tabella official, que faz parte do regulamento de 29 de agosto de 1889, addicionando-se 4 reis a cada um dos preços indicados, tanto para o trigo molle, como para o trigo rijo.» Passava, pois, o trigo molle de 630 reis cada dez kilos a 670, e o trigo rijo de 610 a 650.

Muito bem.

Em 26 de julho de 1899, o mesmo Elvino de Brito, presidente da commissão que havia estudado o regimen das fabricas de moagem, elevava, como ministro, o preço do trigo molle a 720 reis cada dez kilos, o do trigo rijo a 690, e baixava o preço das farinhas a 100, 90 e 82 reis o kilogramma.

Parece phantastico, mas não é!

Que não mantivesse os preços de 110, 98 e 90 reis comprehendia-se, desde que esta extraordinaria elevação se explicava por circunstancias tambem extraordinarias, como a guerra entre a Hespanha e os Estados Unidos, por exemplo. Mas que, tendo o preço do trigo nacional dado, n'um anno, um salto immenso, pois de 630 reis passava a 720, nem ao menos estabelecesse os preços preconizados por elle proprio como presidente da commissão de inquerito ás fabricas, ou, a querer baixar o preço das farinhas, sem ao menos impedir o crescente espantoso em que ia a parcellação da industria da moagem, era dar provas da mais espantosa iniquidade e, ao mesmo tempo, da mais espantosa inhabilidade.

Succederia, fatalmente, o que estamos vendo. E' má a farinha e é mau o pão. Não se cumpre a lei quanto ás qualidades da farinha e quanto á qualidade do pão, cada vez mais acido, cada vez mais prejudicial

á saúde, cada vez mais mal fabricado em todo o paiz. E as fabricas de moagem não se aguentam e a propria Companhia de Panificação Lisbonense, que parecia vir a ser um colosso, atravessa um periodo difficil.

Tal é o fructo do talento dos nossos grandes estadistas. Que um patrão habil correria á vassoura, se o encontrasse como caixeiros na sua loja de mercearia.

H. C.

Cobrança de pequenas dividas

A antiga e acreditada Livraria Economica, da travessa de S. Domingos, 9 a 13, Lisboa, publicou em edição annotada, a Lei para a cobrança de pequenas dividas. Dizemos annotada, porque no fim da lei vem o extracto dos artigos dos codigos a que a mesma se refere, o que evita, para a sua nitida comprehensão, a consulta das leis citadas.

FOLHINHA

— Torna a insistir-se na queda do ministerio. Queda que pela centesima vez se apregoa. Em menos de tres meses! Vamos, que o dictador não deixará de cahir por falta de vontade.

Póde ser que seja agora. Na verdade, já esteve mais longe do que está. No entanto, ainda nos parece cedo.

— Sempre reapareceu o Mundo. Lá conseguiu amansar os credores. Mas se n'esta hora quem não combate a valer pactua, ou a gazeta republicana, como lhe dizia ha dias o orgão do governo, pactua, ou reapareceu para desaparecer de novo.

A desgraçada situação em que se collocam sempre os imbecis que o destino poz á frente do partido republicano!

— E' verdade que n'essas coisas os homens de talento confundem-se com os insignificantes. Guerra Junqueiro, na sua entrevista com Luiz Morote, disse: dentro de dois annos ou não haverá Braganças, ou Portugal terá deixado d'existir. Parecia mesmo o França Borges a escrever: n'esta hora quem não combater a valer pactua. Para apparecer um mez depois a... pactuar!

Se d'aqui a dois annos existir Portugal e existirem Braganças, o que fará o sr. Guerra Junqueiro? E' uma especie de compromisso de honra que o sr. Guerra Junqueiro tomou. D'antes dizia-se: palavra de rei não volta atraz. Agora, que os reis estão pelas ruas da amargura, diz-se dos genios o que antigamente se dizia dos reis. As afirmações dos genios cumprem-se. Ou vão-se os deuses.

Se d'aqui a dois annos, como é certissimo, existir Portugal e existirem Braganças, o sr. Guerra Junqueiro só tem um recurso... emigrar.

Sempre queremos ver, d'aqui a dois annos, a cara do sr. Guerra Junqueiro... em face de Portugal e dos Braganças!

— Outrotanto não diremos de Bernardino Machado, que esse, coitado, apparecerá... com a cara que tem! Para não perder a sua cathedra de genio, Bernardino repetiu a Julio Medema, o correspondente do *Matin*, a prophécia de Guerra Junqueiro a Luiz Morote. Bernardino entende tambem que d'aqui a dois ou tres annos Portugal... será republica.

E se não fór? Desapparece? Não. Bernardino imagina que o é... e fica o caso liquidado.

Como na procissão das medalhas. O governo prohibiu a procissão. Mas Bernardino continuou a proceder como... se a procissão se realisasse.

Portugal poderá não ser d'aqui a dois ou tres annos republica para ninguém. Mas se-lo-ha, definitivamente... para Bernardino Machado.

Como ha de resistir o partido republicano a estes ridiculos todos?

— E já que falamos em procissão das medalhas notemos a pobreza das adhesões, apesar dos esforços titanicos da claque.

Que pobreza! Que miseria! Para manifestação nacional!

Deixaram de adherir muitos dos homens illustres do partido republicano. A immensa maioria dos professores. Muitas das associações populares. Muitas das commissões republicanas. Quasi todos os estudantes, o que tem graça. E da imprensa só adheriram umas doze gazetas, das quaes a mais illustre se intitula *O Cosmochronometro*.

Que grande fiasco!

— Outra coisa curiosa é o empenho com que os republicanos combatem as dissidencias, ostentando por todas as fórmulas as suas dissidencias furiosas.

Não se podem ver. Dissideram-se furtivamente uns nos outros. Dissidencias de pessoas, só de pessoas, porque é justo confessar-se que não ha entre elles, na verdade, a menor dissidencia de principios.

Morreu ha dias, como se sabe, a mãe do sr. dr. João de Menezes. Pois o *Mundo* dava essa noticia em duas linhas, mettida na secção *Luctuosa*, entre outras noticias de natureza igual.

Amiguinhos e unidinhos como aquillo, não ha!

Artigos photographicos, POR PREÇOS MODICOS, Vendem-os Felix, Filhos AVEIRO

FABRICA DOS SANTOS MARTYRES

DE
CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.^a

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos sistemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5\$000
- Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6\$000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.^a ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia pratico e theórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripção**—cada caderno, 30
 - Livros de polémica sobre o Método**
 - A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
 - A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500
- Do mesmo auctor:
- LITTERATURA
- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
 - Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA
Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS
—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saúnhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afin de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feitos quasi de graça só na Oficina de alfaiate

DO
ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança de pequenas dividas

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas. Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

Especialidade em cartões de visita

POVO DE AVEIRO

TYPOGRAPHIA

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—
Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentés, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e baulha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «**PPAFF**», White e outros auctores.

Bicycletas «**BRISTOL**», «**TRIUMPH**», «**OSMOND**», «**GUITYNER**» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PPAFF"

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógio e machinas de costura, bicyclette e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem a seus amigos e freguezes que tontaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua) uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclette e seus accessorios e bem assim, anexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclette. Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito santo

para verem as vantagens que esta casas lhes offerecem. Toda a correspondencia dever ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveirao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.